

O SILÊNCIO COLETIVO: A MORTE NA ATUALIDADE E O DESCONFORTO CAUSADO POR ELA

2012

Bruna Coralli

Graduada em Psicologia na Universidade Paulista, Brasil. Experiência com indivíduos institucionalizados e conversas terapêuticas com os mesmos. Atendendo em Clínica Particular.

Email:

brucoralli@yahoo.com.br

RESUMO

A morte é a única certeza do ser humano e a finitude da vida pode ser, no mínimo, desconfortante. Desde os tempos mais primórdios o cuidar de seu morto e as reflexões pela mortalidade, sempre foram alvos de discussões, porém na atualidade é notável observar que a responsabilidade, seja psiquicamente ou corporeamente falando, é passada a outro indivíduo. Mediante pesquisas e leituras sobre o tema, pode-se notar que as perdas e a sua elaboração fazem parte do cotidiano, já que são vividas em todos os momentos do desenvolvimento humano. O artigo é bibliográfico e sem intenção de conclusões definitivas, ele produz uma reflexão sobre a sociedade atual e o seu lidar com a morte.

Palavras-chave: Morte, dor psíquica, manejo do luto, modernidade

A morte é o fenômeno natural que provoca discussões, seja em religião, ciência ou em opiniões diversas. O homem, desde o princípio dos tempos, tem-na caracterizado com misticismo, magia, e mistério. Para os céticos, a morte compreende o cessar da consciência, exatamente quando o cérebro deixa de executar suas funcionalidades, mas para a religião, a morte, em geral, assume uma característica de transitoriedade, a passagem de uma condição para a outra.

A morte faz parte do desenvolvimento humano acompanhando o seu ciclo vital e deixando suas marcas, sendo algo que não pode ser descrita, ou seja, a própria palavra morte não dá conta do que ela seja. Cada pessoa tenta ligá-la em outra palavra, as quais possam expressar ideias, fantasias, crenças e mitos. Essas palavras acabam sendo insuficientes para descrever o muito que se imagina e o pouco que se sabe sobre o fenômeno.

Segundo Kastenbaum e Aisenberg (1983), a morte sempre existiu em nossas vidas, mas nem sempre teve representação nítida em nossas mentes, ela trás consigo angústia, a qual se manifesta pelo desconhecido que a morte nos suscita. O não saber assusta, aterroriza e angustia mais do que o próprio evento em si.

Segundo Morin (1970 apud KOVÁCS, 1992) nas atitudes e crenças perante a morte é onde o homem expressa o que a vida tem de mais fundamental. A sociedade funciona apesar da morte e contra ela, mas só existe enquanto organizada pela morte, com a morte e na morte. Para os seres humanos, a morte é algo que será acompanhada de ritos e sempre será presente durante a vida. A morte faz parte do cotidiano, é concreta e fundamental.

Mas a morte não é apenas um evento biológico, sendo que tem dimensão social, psicológica, antropológica e espiritual. Quaisquer grupos, mesmo os mais primitivos, não abandonam os seus mortos. O homem sempre acreditou na imortalidade e é natural que perguntas sobre o significado da morte e o que acontece após a mesma, apareçam durante a vida de um indivíduo.

A morte se torna um representante de um inimigo onde os vivos passam sua existência tentando entender, derrotar e a superar, não tendo consciência da consequência disso. O medo é a sua resposta psicológica mais comum diante da morte, ele é universal, atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso, apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões (KOVÁCS, 1992).

A morte se torna mais ameaçadora em certos aspectos, em função disso Kastenbaum (1977 apud KOVÁCS, 1992) afirma que deve considerar a morte sobre duas concepções. A primeira traz a morte do outro, o medo do abandono, da separação, envolvendo a consciência da ausência do outro e sua falta. A segunda concepção nos traz o medo da própria morte, a consciência da própria finitude, o medo do que esta por vir, de como será esse fim e quando ocorrerá.

Pensando na própria morte, cada pessoa pode vinculá-la com seguintes aspectos: quanto à própria morte nos traz o medo do sofrimento e da indignidade pessoal; sobre o aspecto do medo após a morte, do castigo divino e da rejeição acabam sendo pensados pelo indivíduo; Também há o medo da sua extinção, o indivíduo percebe que existe ameaça do desconhecido, é o medo básico da sua própria finitude o que provoca vulnerabilidade diante da sensação de abandono e seu próprio fim, o medo existencial, o medo de deixar de ser, o qual se encontra em cada pessoa e, em geral, permanece no inconsciente.

Dependendo da época de vida de cada indivíduo parece que o mais temido na morte é provido das circunstâncias do momento, como por exemplo, o perigo iminente das situações externas. Como guerras, violência e crimes e das perturbações internas que ameaçam sujeitos, como medos e fobias, até mesmo da morte de alguém que se torna significativa.

No cotidiano atual, com o desenvolvimento do ser humano e da sociedade em que o contem, a morte se esconde, aquela que era mais temida na Antiguidade, a morte repentina, é a morte “desejada” da modernidade. O lugar onde a pessoa morre é transferido da casa para o hospital, os parentes daquela pessoa enferma não acompanham o “processo de morrer”, no hospital é mais conveniente, pois já existem pessoas encarregadas para fazer todo o trabalho, preparar o velório, cuidar do corpo e comunicar o falecimento para a família. Os pacientes terminais podem acabar perturbando os vivos pelas suas atitudes, seja de revolta, de dor ou de exigências, dando as costas para vida e morrendo aos poucos. O capitalismo é bastante presente nesta etapa, no lugar da pessoa se encontram contas a pagar, a morte se tornou um comércio, demonstrando certo “*status*”, assim como na vida, a situação monetária da família pode ser vista na pessoa que morreu. Ao transitar em um cemitério é notável a diferenciação existente, há túmulos de mármore, com esculturas e de dois andares e em famílias que possuem pouco poder aquisitivo muitas vezes não se encontra a lápide. Tudo se paga, o caixão, a cerimônia e até o terreno no cemitério.

A morte se torna “independente”, pois tira a responsabilidade e depois a consciência do indivíduo, a sociedade atual expulsa a morte para proteger a vida. Uma vitória da medicalização está justamente em manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio, prolongando a vida. A maneira como as pessoas enxergam a morte na modernidade, tentando negá-la, prolongá-la e afastá-la de sua realidade o máximo que puder, demonstra a consciência destas para com a morte concreta, esta consciência supõe uma ruptura na relação indivíduo-espécie. No entanto, de acordo com a psicanálise, quase sempre esta ruptura é recalcada, ou seja, o indivíduo que não quer admitir um fato à consciência o mantém no inconsciente, sem ter a consciência desse recalque. A morte humana sempre deve ter um significado, uma resposta que amenize a razão pela qual foi acontecer, pois o homem não aceita que essa seja uma condição de sua espécie. A anulação do luto é muito presente, ocultando a vivência da dor e suas manifestações, tendo uma exigência de controle, pois nessa sociedade não se consegue enfrentar os sinais da morte.

Como consequência da modernidade, da mediatez, a preocupação com a morte foi substituída pela busca do prazer a qualquer custo, utilizando meios para remediar o envelhecimento, como por exemplo, a realização cirurgias estéticas excessivamente, envelhecer se torna cada vez mais inaceitável.

Segundo Kovács (2003), negar a morte pode dar a ideia de força e controle, entretanto, uma perda seguida precária ou “má” elaboração do luto – não permitindo a expressão de tristeza e dor - tem trazido graves consequências para os indivíduos, como a maior possibilidade de

adoecimento psíquico. Sendo assim, o luto mal elaborado está se tornando, na visão da autora, um problema de saúde pública, tendo-se um grande número de pessoas que adoecem, em função de uma carga demasiada de sofrimento, sem possibilidades de que este seja elaborado. Esse mal também está afetando os profissionais de saúde, que cuidam do sofrimento alheio e que, muitas vezes, não têm espaço para cuidar das suas próprias dores.

Freud (1917/1990), em “Luto e Melancolia”, faz uma diferenciação entre melancolia, luto patológico e luto normal. Para o autor, o luto é uma reação natural referente à perda de um objeto amado. Ele afirmou que tentar reparar e interromper esse processo de luto é inútil podendo até ser prejudicial à pessoa enlutada, pois, é necessário uma desvinculação da libido com esse objeto perdido sendo que, uma substituição rápida desse objeto, poderá não ser aceita. O luto é, pois, um processo demorado e deve ser respeitado o tempo que cada pessoa enlutada demora a romper com esse vínculo.

Por mais que se queira negar, a vida de um ser humano e sua morte não são apenas um destino individual. Trata-se ainda de um elo que se estende ao gênero humano. A morte é um acontecimento que destrói o futuro do indivíduo, ou seja, suas expectativas com relação ao que ainda desejava realizar em vida, e de seus entes, assim causando um mal-estar coletivo. Neste âmbito estes entes buscam respostas na religião e através desta perpetuar a vida, mesmo que ela tenha chegado ao fim.

Sendo assim todas as imagens imaginárias que as culturas fazem da morte, tentam manejar a precariedade da existência humana. Pode se citar a cultura ocidental atual, na qual se acredita numa morte mais amena quando se está dormindo, ou num indivíduo que procurou satisfazer todos os seus desejos e realizar muitos “feitos” em sua vida terrena, dentro dos princípios sociais/morais, antes de morrer. É como se estas “hipóteses” fizessem jus ao óbito.

Segundo Stendeford (1986) a perda de uma pessoa querida é uma experiência de mudança e ajustamento que pode vir a trazer um grande sofrimento, mas que gera amadurecimento desta pessoa como indivíduo. O autor também descreve que a tristeza se torna um processo natural, no qual as pessoas podem superá-la tendo recursos para isso, geralmente buscam amparo e ajuda na família e nos amigos.

Assistir o outro morrer traz reflexões da sua própria vida e é preciso disponibilizar um tempo para a elaboração da dor. Segundo Nasio (1997), a dor psíquica se refere a duas espécies, sendo a primeira quando estamos preparados para ver o outro partir: vivemos a sua morte como uma dor infinita, mas representável, como se o trabalho de luto já tivesse começado antes de seu desaparecimento. Neste caso a dor, embora insuportável, fica integrada ao eu e se compõe com ele. Sendo a segunda espécie quando a perda do outro amado é súbita e imprevisível: a dor se impõe sem reversas e transforma todas as referências de espaço, tempo e identidade. Nesse momento, a dor, inadmissível pelo eu, é marcada como selo da subitaneidade e do imprevisível. É comum nos

dias de hoje escutar julgamentos nas duas espécies da dor psíquica, falas do tipo: “é necessário superar” ou “não adianta chorar” são muito ouvidas, assim como existem frases proferidas dizendo que a família não pareceu sofrer ou até que superaram muito rápido, a maneira de julgar é uma reflexão do que pensa ser o “correto” naquela ocasião, não sendo necessariamente o que faria, caso ocorresse com alguém próximo, não há uma maneira de prever como lidar com o seu luto porém, é necessário enxergá-lo para poder manejá-lo.

Considerações Finais

Pode afirmar, a partir de estudos e leituras sobre o tema morte, que as perdas e a sua elaboração fazem parte do cotidiano, já que são vividas em todos os momentos do desenvolvimento humano. Sejam as perdas pela morte física, as separações amorosas, bem como as perdas consideradas como “pequenas mortes”, como, por exemplo, as fases do desenvolvimento, da infância para a adolescência, vida adulta e velhice. São também vividas como “pequenas mortes” mudanças de casa, de emprego. O matrimônio e o nascimento do filho também são “mortes simbólicas”, onde uma pessoa perde algo “conhecido”, como o papel de solteiro e o de filho, e vive o “desconhecido” de ser cônjuge ou pai. Estas situações podem despertar angústia, medo, solidão e, neste ponto, trazem alguma analogia com a morte, carregam em si elementos de sofrimento, dor, tristeza e certa desestruturação egóica. Um tempo de elaboração se faz necessário. O luto é um processo que foge ao nosso controle e por isso pode durar mais tempo do que imaginamos. Mesmo depois de nos recuperarmos, ainda iremos, inesperadamente, nos encontrar em situações que fazem com que sintamos como se estivéssemos caídos outra vez no vácuo da perda. O homem, que sempre mediu forças com a morte, viu-a como inimiga que arrebanha e, num poder de sedução maior, domina a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES R. **O médico**. Campinas, SP: Papyrus; 2002.
- BROMBERG, M. H. P. F. **Famílias enlutadas**. Em M. M. M. J. Carvalho (coord.), *Introdução a Psiconcologia* (p. 243-262). Campinas: Editorial Psy, (1994).
- FREUD, S.(1990). **Luto e Melancolia** (1917 [1915]). In: Ed Standard Brasileira, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** (1927). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.
- KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- KOVÁCS, M. J. – **Morte e desenvolvimento humano** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KOVÁCS, M. J. – **Educação Para A Morte - Desafio Na Formação de Profissionais de Saúde e Educação** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- NASIO, J.D. **O livro da dor e do amor**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997
- STEDDEFORD, A. **Encarando a morte – Uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal** / Averil Stedeford; trad [de] Silvia Ribeiro. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- VERDADE, M. M. (2008) **Ecologia Mental da Morte. Um novo olhar, uma nova escuta, para psicologia da morte**; In: KOVÁCS, M.J. (Coord.) *Fundamentos de Psicologia Morte e Existência Humana: Caminhos de Cuidados e Possibilidades de Intervenção*; p.162-192.